



Gênero e Comunicação

Gênero não se refere a mulheres, travestis, lésbicas, gays, apenas. No entanto, o sentido comum parece crer que falar de gênero é aludir ao problema dos inadaptados. O gênero, e mais ainda o feminismo, foram intencionalmente distanciados da reflexão cotidiana; excluídos e situados como uma opção ideológica. Enquanto as referências empíricas dos corpos e seus atributos culturais seguem intactos como *a verdade* de nossa época. Por que é tão difícil admitir que os atributos culturais compõem os corpos? A obstinação com a qual o sistema heteropatriarcal produz vidas precárias aparece mascarada e naturalizada como a única opção possível. Apesar das explosões diárias que ameaçam colapsar este modo de vida, voltamos a acreditar que é a ordem natural dos corpos o que demanda ser restaurado.

Nós, mulheres, gays, trans, lésbicas e intersex aparecemos nos meios de comunicação como caricaturas –sexys, gostosas, loucas, mães abnegadas, dominantes–; como vítimas desvinculadas da matriz cultural que provocou a morte com a qual se constrói um espetáculo trágico: a mulher violada, a mulher mutilada, a mulher agredida. Ou, em contraponto, somos notícia por nos ocupar de atividades opostas ao que se espera de nós: a mulher bombeira, a mulher presidente. O sujeito mulher, neste caso, protagoniza uma ação extraordinária, que por ser produzida como extraordinária suscita todo o tipo de opiniões. Assim, deixamos de debater sobre direitos e começamos a opinar sobre se é merecido ou não, se é adequado ou não, esse evento.

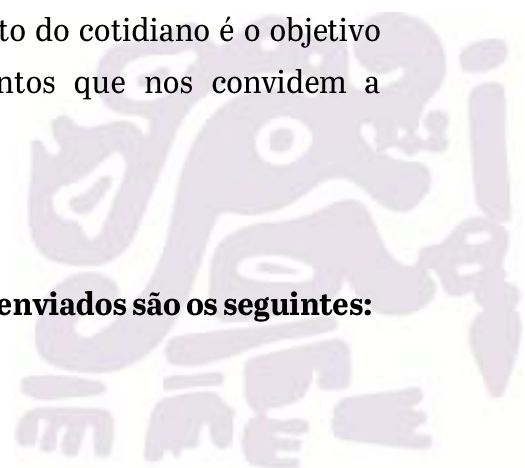
Deslocando o que diziam as primeiras feministas: não é apenas que o mundo público não foi pensado para as mulheres, é que existe uma blindagem, uma obstinação sistemática que nos nega a possibilidade de transformar as regras, ou fazem com que tal transformação cobre custos pessoais, emocionais e sociais altíssimos. Judith Butler, reconhecida filósofa estadunidense, afirmou em uma entrevista recente que Trump autoriza tornar explícito o ódio, que persistia recalçado, mesmo quando aparentemente silenciado pelas sucessivas reformas feministas. Enquanto os discursos feministas não logram se instalar nos pontos de poder decisional, o poder masculino segue identificado como normal e natural: o gênero parece ser, ao contrário, ideológico. *Opcional*. Nesse caso, nós mulheres que falamos sobre gênero e feminismos continuamos cooptadas como especialistas em temas circunscritos às mulheres. Conformadas ao poder por sermos mulheres, mas, jogando com regras que resistem a ser transformadas. Nós somos porta-vozes. A mídia –e todas as peças culturais–, esforçam-se em ressaltar o infinitamente mais cômodo e menos revolucionário que é a guerra de baixa intensidade: conformar-se com pequenas conquistas em um mundo *que é, como é*. Aceitando, sem questionar, as moderadas reformas inclusivas que se podem gestar apenas em alguns países.

Em um momento no qual o mundo volta a abraçar os valores coloniais e imperiais de sempre, temos o desafio de construir novas retóricas que acolham as experiências de vida das mulheres, gays, trans, lésbicas e intersex e as novas masculinidades para dialogar com o imperativo cultural.

Qual vinculação existe entre a exclusão sistemática das mulheres, a violação, a violência e as formas de despossessão econômica e emocional na qual estão imersas todas as sociedades, na atual crise financeira do capitalismo? Se impõe como questão central de nossas reflexões.

O desafio deste número da Revista Chasqui é incorporar o gênero e os feminismos aos discursos cotidianos em todos os temas pelos quais transita nossa existência. Tirar o gênero do armário e integrá-lo a cada momento do cotidiano é o objetivo desse monográfico que deseja revitalizar argumentos que nos convidem a construir outros modos de estar juntas.

Os eixos temáticos para os artigos originais a serem enviados são os seguintes:



- O gênero na trama da comunicação.
- Criminalização/estigmatização da pobreza e gênero.
- O gênero e a construção de espaços públicos excludentes.
- Gênero, economia e finanças.
- Gênero e gestão política partidária.
- As crises migratórias a partir de uma perspectiva feminista e de gênero.
- Espectacularização das diferenças.
- Gênero e violências.
- Novas masculinidades.
- Representação mediática dos corpos no cinema, nas telenovelas e nos *reality shows*.

Os/as interessados/as devem enviar seus textos pelo sistema online de Chasqui [através do link](#). Para submeter o artigo, o/a autor/a deve estar cadastrado/a no portal e seguir as instruções do sistema.

Antes do envio de seu artigo é muito importante a revisão de seu texto e adequação às [NORMAS DE PUBLICAÇÃO](#) de Chasqui.

Para qualquer consulta ou comentário entre em contato através de chasqui@ciespal.org ou ggiannone@ciespal.org.

